

OLHARES DOCENTES

O mito da democracia racial e a necessidade de uma educação dialógica para a construção de sentido acerca dos saberes afro-brasileiros e afrodescendentes no século XXI¹

Luiz Ernane Martins



O desafio de uma educação que supere os preconceitos raciais e promova a valorização da cultura afro-brasileira e africana passa pelo cerne do diálogo igualitário. Há uma necessidade à vista dos próprios estudantes e educadores, espera-se que os olhos de todos os

atores educativos enxerguem esta lacuna que precisa ser preenchida, urgentemente, de vivenciar a construção de conceitos e valores para a compreensão da pluralidade cultural e o reconhecimento próprio e de outrem dos povos negros, brancos e indígenas, principalmente no que diz respeito aos papéis de protagonismo e antagonismo que cada cor/raça exerceu e vem exercendo no sistema social, nos valores humanos e desumanos que vimos construindo ao longo da nossa história. Pautado sempre numa relação hierárquica que nunca coube em uma relação humana, mesmo que seja de troca ou escambo, muito menos a esta sociedade denominada “da informação”.

O ensino da história e cultura afro-brasileira e africana no Brasil quase sempre foi tratado nas aulas de História como “da escravidão negra ou africana”. Esquecendo ou deixando de gerar a reflexão necessária, que nenhum ser humano nasce escravo, mas foram e são escravizados por outras pessoas. A Lei 10.639/03 que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana em todas as escolas, ajudou a promover mais ações afirmativas do governo e da iniciativa privada para a correção das desigualdades raciais e para

¹ Texto produzido no âmbito do Curso Educação Escolar Quilombola, promovido pela Revista África e Africanidades, no segundo semestre de 2018.

a promoção da igualdade de oportunidades, geradas pela ampliação da visão e de políticas de resgate dos valores culturais de cada grupo étnico, mas ainda assim não cumpre o seu texto principal, de garantir uma ressignificação e valorização cultural das matrizes africanas que formam a diversidade cultural brasileira. Porque na prática, no dia a dia da escola, quem faz acontecer a educação dialógica que constrói sentido e relaciona-se à realidade dos estudantes e suas comunidades, com seus preconceitos raciais dentro e fora do ambiente escolar, são os professores e professoras, que possibilitam oportunidades reflexivas, de construção de ideias e conceitos acerca desta democracia racial, no seu sentido mais próprio “poder do povo”. Mas, qual povo? Como relata Nascimento (1978, p. 95) *apud* Fernandes (2008, p. 2),

“Se consciência é memória e futuro, quando e onde está a memória africana, parte inalienável da consciência brasileira? Onde e quando a história africana, o desenvolvimento de suas culturas e civilizações, as características, do seu povo, foram ensinadas nas escolas brasileiras?”

No caso, o mito da democracia existe porque um povo inexistente se sua memória não é lembrada e preservada. Logo, a democracia racial vai deixar de ser um mito quando este poder, gerado pelo acesso ao conhecimento, for realmente democratizado e o direito que é do povo, seja um direito de todos.

Na perspectiva destas oportunidades educativas para a “construção de conceitos acerca da nossa ascendência histórica e cultural, dos povos africanos, afro-brasileiros e indígenas”, temos diversas dificuldades para executar a história e cultura étnico-racial em sala de aula, como prevê a lei 10.639/03. Mas, a vontade de fazer e ver acontecer em nosso trabalho de formação de professores na rede pública do município de Horizonte (CE) tem gerado bons resultados. Depois de anos de trabalhos realizados em todas as instituições escolares nas turmas do 1º ao 9º ano, com projetos relacionados a temática destacada acima. E das culminâncias artísticas e culturais sobre a consciência negra, nas comunidades escolares e no centro cultural à nível municipal. Este ano, indo além, realizamos o desfile cívico do município com a pauta voltada para “A contribuição do negro africano no processo de independência e construção do País” e o tema “Somos todos negros, brancos e índios”. Contamos com a participação de um grupo da UNILAB (Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira) com sede em Redenção (CE). E uma mensagem muito reflexiva dos valores herdados e construídos ao longo de nossa história sobre as religiões e culturas afro-brasileiras foram apresentadas, proporcionando “um olhar diferente” para as questões raciais, corroborando para a desconstrução do mito da democracia racial. O mais belo e significativo para as gerações presentes, foi o fechamento do evento, ao poder ver o povo negro em geral e os afrodescendentes da Comunidade Quilombola de Alto Alegre (ARQUA), do distrito de Queimadas em Horizonte, orgulhosamente desfilando em carro alegórico, se apresentando como negros de origem quilombola e exercendo o direito de se reconhecer igual e importante para todas e todos os municípios, como todos e todas.

REFERÊNCIAS:

Fernandes R. L. da S. Educar para a diversidade étnica e cultural – investigação e ação. **Revista África e Africanidades** - Ano I - n. 3 - Nov. 2008 - ISSN 1983-2354. Disponível em: <http://africaeafricanidades.com.br/documentos/Educar_para_a_diversidade.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2018.